



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**COSME E DAMIÃO NA COMUNIDADE DO BOQUEIRÃO: FESTIVIDADE E
RESISTÊNCIA CULTURAL**

Renata Ferreira de Oliveira
(UESB)

²²⁸

Graziele de Lourdes Novato Ferreira
(UESB)²²⁹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os festejos de Cosme e Damião a partir da junção dos elementos do Catolicismo e do Candomblé na comunidade remanescente de quilombo Boqueirão, bem como as comunidades de Lagoa da Pedra e Mandacaru que possuem entre si, não somente laços sanguíneos, como também manifestações resultantes de um processo que denota resistência cultural e miscigenação, oriundas da disseminação dos quilombolas do Boqueirão.

INTRODUÇÃO

O Candomblé é a religião de matriz africana capaz de atenuar a distância entre o ser imanente e o transcendente numa simbiose apta a gerar uma nova criatura que é a mãe ou pai de Santo e todos os iniciados.

O culto aos Orixás permanece vivo no Brasil pela fidelidade à tradição entre os descendentes de escravos. O terreiro é o espaço de retorno à África, é o momento em que o iniciado estabelece contato com a terra de seus antepassados que também é sua. Na descrição de Raul Lody (1987, p.08), o termo *Candomblé*, denomina-se originariamente do termo *kandombile*; significa culto e oração, encontrou no Brasil palco para sua disseminação e reinterpretação.

²²⁸ Aluna do Curso de História. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra. Email: renataconquista@yahoo.com.br.

Os candomblés pertencem a nações diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes: Angola, Congo, Gege, Nagô, Queto, Ijexa, de acordo com Bastide (1978, p.15), é possível distinguir estas nações pela maneira de tocar os tambores, pela música, pelos cânticos, pelas vestes litúrgicas, também pelos nomes das divindades e por alguns traços dos rituais.

Estas nações são encontradas por todo Brasil, porém, ainda segundo Bastide (1978) os Candomblés das nações iorubas – jeje-nagô predomina sem contestação às seitas africanas, referindo-se a um tipo de culto mais próximo do ideal africano.

A instituição do candomblé e toda sua complexidade como afirma Lody (1987, p.10), polarizam não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal e não-verbal, o lúdico, enfim, tudo o que o espaço da defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano no Brasil. Pautado na tradição oral, o candomblé tem na memória e na palavra instrumentos importantes para a perpetuação de sua tradição.

Leila Leite Hernandez (2005, p.28-29) salienta que a palavra para o homem africano possui um caráter sagrado derivado de origens divinas nela depositada. Posto isso, pode-se remeter a fala a uma relação direta com a harmonia do homem consigo e com o mundo que o cerca.

O Candomblé assume “função de uma memória reveladora de matrizes africanas ou já elaboradas afro-brasileiras, geradoras de modelos (re) adaptativos ou mesmo embranquecidos, uma vez que a religiosidade oficial brasileira participa definitivamente deste sistema”. (LODY, 1987, p.10). Conserva-se consistente pelas vertentes da tradicionalidade oral, está, sem embargo mais próximo dos grupos cuja resistência e consciência predominam. Encontra-se ainda ligado a um imaginário africano que pode ser de elementos materiais ou socioculturais, mas

²²⁹ Professora do Departamento de História da UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra.

que buscam suscitar os laços com a África. Bastide (1978, p.24) argumenta que quando um Orixá baixa, o negro é recolocado na sua condição de africano, de membro tribal da sua nação, então, ao deitar os pés nus no chão, ele pisa na terra de seus antepassados.

As marcas do candomblé estão integradas ao cotidiano e são evidentes nas festas públicas como as festas de largo na Bahia, ocorrentes em datas preferencialmente religiosas de acordo com o calendário cristianizado, Nosso Senhor do Bonfim, Nossa Senhora das Candeias, Corpus Christi, São João, São Roque, São Cosme e São Damião, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, Santa Luzia e tantas outras.

Mesmo nas Igrejas católicas, as manifestações oficiais não escapam ao chamado paralelismo religioso, por muitos considerados como sincretismo. Em muitos casos, seu expressivo número de adeptos se satisfaz em festas religiosas.

Para Afonso Maria Ligório Soares,²³⁰ (2003, p.02) a coexistência afro-católica pode ser associada ao fato de os escravos não terem recebido um ensinamento religioso como os índios, através dos jesuítas. A catequese dos escravos cabia ao senhor de engenho, que obviamente não se ocupava de ensinar o novo credo àquele escravo boçal (recém-chegado), bastava apenas que estes professassem a fé e pronto, batizavam-nos. Ainda de acordo com este autor (p.03), essa catequização superficial, dentre outros fatores, impediu a destruição total da cultura africana.

A opressão à cultura africana intensificada, sobretudo, no período colonial e o contato com a religião trazida pela Europa, não conseguiu substituir a crença primitiva dos negros, então, nesse momento, algo de não católico acabará sobrevivendo como se o fosse, é o que hoje chamamos de paralelismo religioso. O africano consegue fazer analogias entre sua crença e a dos portugueses, reinterpretando os símbolos e os ritos católicos de acordo com sua África.

Argumenta ainda Afonso Maria (p.04) que, não somente haverá uma aproximação entre os orixás e os santos, mas, sobretudo a participação dos membros do candomblé no cotidiano da Igreja Católica, este ato chega a tal ponto que, se alguém não for católico não fará parte do terreiro. Assim, os escravos encontram por meio dos santos cristãos, algo que os remeta a seu panteão, tomando como exemplo, a analogia entre Oxalá e Jesus Cristo e o símbolo marcante entre as duas divindades: o cajado de Bom Pastor.

Neste sentido, os negros reinterpretam inúmeras festas católicas: Exu é louvado no dia de São Bartolomeu, Xangô no dia de São João, Ogum como São Jorge, Omolu com São Sebastião, os Ibejis são festejados no dia de São Cosme e Damião, Iansã é louvada no dia de Santa Bárbara, é importante fazer ressalvas quanto às datas e aos santos-orixás que variam nas diversas regiões brasileiras.

Não obstante a essa coexistência de diferentes que ganhou palco no Brasil, a miscelânea entre as festividades católicas e africanas possui uma tênue ligação nos festejos de *São Cosme e Damião* ou dos *Ibejis*, tido por muitos autores como Orixá infantil representado por gêmeos.

No dia 27 de Setembro, o calendário católico comemora o dia de São Cosme e Damião, em todo o Nordeste e, em especial, na Bahia, ocorre uma grande festa, a festa das crianças (BASTIDE, 1978 p.207). O culto dos santos gêmeos é de procedência portuguesa, sendo datado no Brasil com o início da própria colonização – 1530, período em que Duarte Coelho construía, em honra aos gêmeos, a Igreja de Iguaraçu no Pernambuco.

A disseminação da crença nos santos gêmeos é fruto da confiança de que estes asseguram os víveres, afasta os perigos de epidemias, facilitam o parto de gêmeos, tudo de relevante importância para um mundo novo.

Com a chegada dos escravos africanos, esta devoção vai se associar ao culto dos mabaças, ou seja, dos gêmeos, numa simbiose tão estreita que segundo Bastide

²³⁰ Artigo retirado da Revista dos Estudo da Religião, n°03, 2002.

(1978, p.208), dificilmente se consegue distinguir a parte africana da parte européia, nos costumes populares.

A festa se inicia nas proximidades da data oficial católica, o 27 de Setembro, com o peditório de crianças nas ruas, carregando consigo a imagem de S. Cosme e Damião e um cofrinho para o recolhimento da caridade destinada a pagar a missa para os gêmeos. O povo não emprega duas vezes o termo “santo” quando se refere a eles, mas somente uma para mostrar a unidade dos gêmeos (1978). É certo ser este um ritual católico espalhado entre as camadas rurais e populares do Brasil, ainda segundo Bastide (1978), “mendiga-se” desde a época colonial para as festas de Natal ou de Pentecostes.

Paralelo a isto, está o costume arcaico, em termos cristãos, do bando de crianças percorrendo os campos portugueses indo de granja em granja pedindo ovos ou frutas, alimentos e até dinheiro, destinados a preparar o grande festejo de Ano Novo e a refeição, em comum, da coletividade aldeã.

Analogicamente, é costume, como narra Bastide, que entre os Iorubas africanos ou entre os Fon do Daomé, quando nascem gêmeos, transportam-nos até a praça do mercado, onde todas as vendedoras lhes oferecerem uma parte de seus produtos ou a visitação dos vizinhos aos pais para presenteá-los ou, por fim, é dado à mãe, quando é encontrada no caminho carregando os gêmeos, um objeto, um fruto, uma moedinha (1978).

No Brasil se oferece uma moedinha a Cosme e Damião para que estes façam com que objetos perdidos sejam encontrados imediatamente.

Como tantos outros santos, a história da vida dos gêmeos foi pautada em lendas. Diz-se serem eles orientais oriundos da Ásia Menor, região da atual Turquia. Foram martirizados, provavelmente, em Egélia, Cícília a 27 de setembro de 287 d. C., durante a perseguição do Imperador Diocleciano (284-305). Historicamente, pouco se sabe sobre a vida dos irmãos gêmeos médicos. Seus

restos mortais foram levados para Roma durante o pontificado de João Félix e sepultados na Igreja que possui seus nomes.

O culto a Cosme e Damião propagou-se intensamente pela Europa, sobretudo, na Itália, França, Espanha e Portugal. Consideraram-nos como protetores dos cirurgiões, afastam epidemias, feitiços, bruxaria, mau olhado, esterilidade. No Brasil, devido à tradição portuguesa, são invocados para defender da fome, das doenças venéreas e proteger os partos gêmeos.²³¹

No hibridismo religioso os santos estão ligados aos cultos dos deuses de reprodução, fecundação, germinação e moléstias sexuais. Nos cultos africanos, os gêmeos são identificados como orixás: os Ibejis do Kêtu, Ro Ro dos jeje, Vungi para os de angola-congo são divindades infantis, possuem seu próprio culto, obrigações e iniciações dentro do ritual. Protegem os que, ao nascer, perderam algum irmão (gêmeo) ou tiveram problemas de parto, estão ligados ao princípio da dualidade e de tudo o que vai nascer, brotar e criar. Os Ibejis são, muitas vezes, considerados deuses familiares, guardiões de grupos, garantem fertilidade às mulheres.²³²

Analogicamente a Cosme e Damião, há várias lendas acerca do nascimento dos Ibejis; conta-se que eles foram paridos por Iansã, porém ao serem abandonados por ela nas águas, são adotados e amados por Oxum que os criou como se fossem seus próprios filhos. “De acordo com a tradição oral dos candomblés Kêtu, Xangô teve três mulheres: Iansã, Oxum e Obá, apenas Oxum concebeu, dando a Xangô dois filhos gêmeos, conhecidos como Ibejis” (LODY, 1987, p.46). Outras tradições atribuem o nascimento destes à Iemanjá – a grande mãe – e à Oxalá – o pai de toda a criação.

Entre as divindades africanas, os Ibejis são os que indicam contradição, mostram que todas as coisas, em todas as circunstâncias, possuem dois lados, os quais devem ser escutados e medidos igualmente. Na África, os Ibejis estão

²³¹ Retirado do site: www.pascomsantaluzia.com.br

²³² Retirado do site: www.ilheusamdo.com.

presentes em todos os cultos, merecendo respeito dispensado a qualquer Orixá. Há uma crença que diz que o poder dos Ibejis jamais devem ser negligenciados, pois o que um Orixá faz, os Ibejis podem desfazer, mas o que os Ibejis fazem, nenhum outro Orixá desfaz.²³³

Gira em torno deste Orixá, um conto que se refere à existência de um reino dos pequenos príncipes gêmeos que trazia sorte a todos. As adversidades mais difíceis eram solucionadas por eles que, em troca pediam balas, doces e brinquedos. Esses meninos inventavam muitas traquinagens e, um dia, brincando próximos a uma cachoeira, um deles caiu no rio e morreu afogado. Todos do reino ficaram bastante tristes pela morte do príncipe. O gêmeo que sobreviveu não possuía mais vontade de comer e passava todo o tempo chorando com saudades de seu irmão, pedia sempre a Orumilá que o levasse para perto do irmão. Sensibilizado, Orumilá resolveu levá-lo para reencontrar seu irmão no alto, deixando na Terra, duas imagens de barro.

Desde então, todos que precisam de ajuda doam oferendas aos pés dessas imagens para terem seus pedidos atendidos.²³⁴

Ora, esse pequeno conto remete justamente à festa dos gêmeos, que é voltada para o culto às imagens, cujas mais comuns são as de Cosme e Damião.

Ao serem considerados como Orixás, os Ibejis também possuem filhos que são descritos como pessoas de temperamento infantil, nunca abandonam a criança que já foram, costumam ser brincalhonas, sorridentes e inquietas, dependentes nos relacionamentos amorosos e em geral, são teimosas, obstinadas e possessivas. Ao mesmo tempo, mostram leveza perante a vida, extravasam energia, são ágeis em se movimentar e possuem tendências em simplificar as coisas especialmente em termos emocionais.²³⁵

²³³ Retirado do site; www.umbandanacional.com.br.

²³⁴ Retirado do site; www.orixas.com.br.

²³⁵ Retirado do site; www.Umbandaracional.com.br.

Na Umbanda, os Ibejis pertencem ao quadro das entidades que mais dão consultas, são crianças e estão relacionadas com Cosme e Damião. De acordo com Patrícia Birman (1985, p. 45) as crianças são tipos mais próximos dos preto-velhos, já que dividem com eles os espaços domésticos.

Nos terreiros de Umbanda, os médiuns possuídos por crianças exageram nos gestos que denotam infantilidades; usam chupetas, brincam, melam a todos com doces, não possuem nem senso de moral nem de responsabilidades, por esta razão são mestres em fazer brincadeiras nem sempre inocentes mais que são explicáveis pelo fato de ainda não terem crescidos, são crianças exigentes, mandonas e primam pela irreverência, o que segundo a autora não representam negros, são brancos e quando crescidos serão os patrões. Por outro lado, pelo fato de serem crianças, estes espíritos possuem um poder de limpeza particular.

Terminar a gira²³⁶ com os guris é uma forma de afastar espíritos atrasados, como os obsessores, com todas as vibrações negativas. Esses espíritos infantis são de um conjunto pertencente ao domínio do "mundo civilizado", representado pelos espaços domésticos e familiares.

No candomblé, em especial alguns da Bahia, os gêmeos cultuados como Ibejis são festejados com uma cerimônia que, segundo Bastide (1978, p.210), não lhe é especialmente consagrada e sim aos *erês*. Bastide estabelece uma ligação que ele denomina como sendo a primeira, o fato de haver entre os espíritos infantis *erês* e *Ibejis* uma correlação mútua, mas não única.

Para exemplificar sua tese, Bastide compara os festejos do dia 27 de setembro nos Estados do Pernambuco e na Bahia; argumenta ele que no Recife, a festa das crianças não se dá com tanta ênfase como na Bahia. Em Recife, quase todos os Xangôs consagram o dia 27 de Setembro à adoração do Ibejis, somente um

²³⁶ Toda gira de umbanda tem como base o processo de defumação - elemento característico das giras - que consiste na queima de ervas essenciais, com o fundamento de limpeza do campo áurico energético das pessoas e do ambiente para que a faixa vibracional seja ajustada para o recebimento das entidades que ali trabalharão.

lhes consagra - os Xangôs - (1978), o autor chama a atenção para o dia 12 de Fevereiro, argumentando que desconhece as causas dos festejos desse dia, sabe-se que nesta data existe uma refeição ou pelo menos uma distribuição de doces, biscoitos ou frutas, e a cerimônia é realizada à tarde não cabendo lugar aos pais, mas somente às crianças. À noite, quando essas já se retiraram do lugar do culto, dança-se para os Orixás. Bastide refere-se ao dia 12 de Fevereiro como sendo a data da seita africana Santa Bárbara (Iansã). Neste sentido, um estudo aprofundado poderia demonstrar a ligação dos festejos com uma das lendas que refere a este Orixá como genitora dos Ibejis.

Em relação ao transe, Bastide enfatiza que desconhece transe de Ibejis na Bahia, pois segundo ele não se tratam de verdadeiras divindades e sim dos antepassados míticos dos gêmeos (1978, p. 211). O autor argumenta ainda que o único transe conhecido no Nordeste seja dos *erês*, desconhece-se transe dos Ibejis, contudo, Edison Carneiro (1942, p.50) descreve uma tendência de união entre *erês* e Ibejis nos terreiros bantos, segundo ele (1937, p. 57), o *erê* que desce possui dois cavalos ao mesmo tempo, e não um só. Afirma ainda, que os *erês* mais comuns são os Ibejis de Cosme e Damião, aparecendo sempre em número par, todas as pessoas que têm santos têm também *erês* que podem ser de Cosme e de Damião. Os gêmeos são iniciantes e os *erês* são espíritos infantis. Parece que, neste ponto, Carneiro sofre influência de uma analogia.

Segundo Bastide (1978, p. 227) a festa dos gêmeos não é dirimida pela posse de um orixá, uma vez que os gêmeos não são orixás e não baixam na Bahia.

Outro motivo ainda, segundo este autor, é o fato de o culto aos gêmeos serem voltados para estatuetas, tendo em vista que em uma das línguas ioruba, *erê* quer dizer estatuetas que, sob a figura de Cosme e Damião, no Brasil, tomaram um aspecto católico, enquanto que um culto a um Orixá é voltado para pedras.

É certo que pode haver variação deste aspecto conforme as disseminações do candomblé, segundo sua nação de origem. Para autores como Bastide e Carneiro, o *erê* é uma espécie de espírito inferior, seria, portanto uma transição entre a possessão pelo Orixá e o retorno ao mundo material. A *iaô*²³⁷ é possuída por um *erê* no espaço em que seu santo a deixa, portanto o *erê* comporta-se como um intermediário entre o iniciado e seu Orixá. É, pois, consenso entre vários autores cuja origem do *erê* seja pertinente aos Orixás, ou seja, cada santo está relacionado a um ou vários *erês*.

Como já referido, os festejos dos santos gêmeos são expressivos na Bahia, sobretudo em comunidades rurais. No sudoeste, em especial, o espaço que envolve a cidade de Vitória da Conquista, encontra, no dia 27 de Setembro, vários devotos “pagadores de promessas” expressando sua religiosidade a estas divindades.

Neste sentido, ganha espaço nesse trabalho a comunidade de remanescente de quilombos: o Boqueirão. Localizada, aproximadamente, a 45 quilômetros de Vitória da Conquista, com cerca de 300 pessoas em 130 famílias, ocupa uma área total de 320 hectares e tem os seguintes confinantes: Fazenda Mãe Eliotéria (lado oeste), Fazenda Algodão (lado norte), Fazenda Úrsula (lado sul) e Fazenda de Trazibe Rocha (lado leste).²³⁸

O Boqueirão é hoje reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, e está lutando pela titulação de seus territórios. A comunidade convive com diversas adversidades em conseqüências das péssimas condições econômicas da maioria de seus moradores. Vanderlucy Barreto Néri D. dos Santos²³⁹ aponta para problemas socioeconômicos graves:

Na comunidade existem vários problemas como os casos de violência, de estupros, gravidez na adolescência e

²³⁷ Recém iniciada no terreiro

²³⁸ Dados cedidos pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista.

²³⁹ Monografia com o título: Boqueirão: o romper do silêncio. Apresentada ao DH da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia para conclusão de curso no ano de 2005.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

prostituição, mas geralmente são ocultados por ela. A comunidade Boqueirão está privada de vários serviços básicos. Este grupo está a espera da energia elétrica há algum tempo. (2005, p.64).

No relato de seus habitantes mais antigos é perceptível a paixão pela própria história, pelos costumes, sobretudo os de cunho religioso, para eles, narrar os fatos ocorridos é voltar ao passado, a um lugar ora de sofrimentos, ora de alegrias, como é o caso de dona Anísia Maria de Sousa, nascida em 1921 no Boqueirão, onde ainda reside. Lembra ela que seu avô Constantino dos Anjos, negro fugido, chegou às terras que hoje se chama Boqueirão nos tempos da escravidão, por volta de 1850. Encontrando este lugar, preparou a terra para o cultivo e passou a viver ali.

Constantino dos Anjos andava escondido e na escuridão encontrou uma índia no mato e chamou ela de Feliciano dos Anjos, minha avó. (Anisia Maria de Sousa, 85 anos, 2006).

Na mesma ocasião, ainda segundo relato dos moradores, apareceu na região outro escravo fugido por nome Manoel Velho, que também passou a viver na localidade do Boqueirão. Ele se casou com Inês Rosa de Jesus, mulher cuja origem não pode ser identificada, tiveram uma filha, em 1864, chamada Marcionília Rosa de Jesus. Feliciano dos Anjos e Constantino dos Anjos tiveram um filho por nome Rui Roseno Manoel dos Anjos que se casou com Marcionília Rosa de Jesus, tiveram 13 filhos, dentre eles Anisia Maria de Sousa (1921).

Na década de 70, os moradores do Boqueirão foram explorados em regime análogo ao de escravidão por fazendeiros vizinhos - Fazenda Úrsula como constatou Vanderlucy (2005).

Segundo ela, as famílias afirmam que eram forçadas a trabalhar compulsoriamente e às vezes, em regime de colonato. Como o fazendeiro possuía e



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

ainda possui uma mercearia, ele explorava o povo devido à dívida contraída por causa dos preços exorbitantes que as famílias pagavam pelos produtos comercializados por ele.

Os quilombolas se submetiam a tais situações como única forma encontrada de garantir alimentos em períodos de estiagem, sendo a região semi-árida, é bastante castigada pela seca e por falta de alternativas de convivência com o meio.

A comunidade ainda convive com situações sócio-econômicas gritantes. A falta de alternativas, sobretudo para a geração de renda, fez com que houvesse um intenso êxodo rural, principalmente na camada jovem. Os que permanecem no Boqueirão, em sua maioria, vêm-se obrigados a trabalhar em lavouras de colheitas de café para garantir o sustento em períodos de desemprego. Não há um jovem que tenha concluído o ensino médio.

Na comunidade, há um índice alarmante de alcoolismo. De acordo com Vanderlucy (2005), a ingestão de bebidas alcoólicas na comunidade se dá entre adultos e idosos. Segundo ela, é comum se deparar com pessoas embriagadas à beira das estradas. Ao que tudo indica, trata-se de um fator resultante do descaso social por parte do município, no sentido que abranja não só a questão de trabalho, mas a moral e ética também.

O Boqueirão sofre uma influência significativa da cidade de Vitória da Conquista. A comunidade possui forte dependência do município, ao mesmo tempo em que a população de Vitória da Conquista, em sua maioria, desconhece a comunidade e seus problemas. Isso agrava o quadro no sentido de reforço da identidade negra, uma vez que os projetos políticos estão tendo ênfase somente na atual conjuntura, haja vista os planos federais de “compensação” por anos de sofrimentos.

Não obstante a todas as desventuras presenciadas pela comunidade, esta mantém consigo uma forte tradição cultural intrínseca ao seio do conjunto. São



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

festejos que vão passando de geração em geração, apesar de ficarem perdidas na história do grupo algumas crenças e manifestações culturais que não existem mais. De acordo com Vanderlucy (2005), um dos fatores que, a cada dia, contribui para a perda gradativa da identidade cultural do Boqueirão, tem a ver com os problemas socioeconômicos que ele enfrenta.

Na atualidade, os festejos com maior expressão no Boqueirão são: os reisados, Santa Luzia e as romarias para a Lapa de Bom Jesus e de Coração. A festa de Cosme e Damião perdeu espaço com o passar dos anos, pois de acordo com o relato de seus moradores, os que possuíam guias²⁴⁰, mudaram da comunidade. De acordo com Maria Lúcia de Jesus Santos, de 53 anos (2006): o povo do Boqueirão tudo fazia macumba, o maior macumbeiro daqui mudou pra Barra do Choça (município próximo).

Hoje, no Boqueirão, as famílias que têm gêmeos não fazem festas nem rezas, há somente uma moradora por nome de Júlia, 62 anos e conhecida por Julinha, que rezava, mas esta, segundo os habitantes do lugar, sofre de distúrbios mentais em conseqüências dos guias que possui, agravando seu quadro de "loucura" no período dos festejos dos santos gêmeos, que ainda de acordo com os moradores, isso deriva do fato de ela não poder continuar festejando.

Dona Julinha fica atacada nesse mês por causa dos Cosmes dela. Ela só melhora depois de uns dias. Esse ano ela não vai rezar, por isso ela fica atacada por causas desses trem que ela tem". (Anizia Maria de Sousa, 85 anos, 2006).

²⁴⁰ Entidade que dirige, aconselha.

Outra moradora nos informa que:

Quando agente a vê - Dona Julinha de olhos fechados andando na beira da estrada pode saber que ela tá com esses espíritos, ela tem é espírito, a família toda é assim. O povo do Boqueirão tudo diz que ela tem espíritos. (Sueli, 35anos, 2006).

Ora, é perceptível que o povo da comunidade julga a loucura de D. Julinha num patamar que envolve crenças. O fato de afirmarem que ela possui espíritos ou de que o seu quadro psíquico agrava no mês de setembro por causa dos Cosmes dela, remete-os a um espaço mental de crenças e manifestações intrínsecas ao Candomblé; no que se refere aos festejos dos gêmeos, os Ibejis possuem a capacidade de perturbar seus adoradores quando não lembrados nem festejados.

Sobre o ritual, Bastide (1978, p. 21) afirma que os deuses africanos baixam na carne dos fiéis somente por meio da música, o autor salienta que, todavia os cânticos não são somente cantados, são também dançados.

Não obstante a tais rituais, dona Julinha mesmo sofrendo de perturbações mentais ao se referir à festa de Cosme e Damião, relata como era o ritual de celebração.

Eu rezo todo ano no dia 27 (de setembro), rezei ano passado, esse ano tem de novo, meu altar nasce do chão, debaixo de um pé de umbu eu boto comida e água pros santos. Eu começo com um canto: o boi samba guiné, samba lele, samba lele, daí eu entro... (Júlia, 2006).

Os moradores da comunidade não dão crédito às palavras dela, mas há de fato coerência no que se refere aos rituais da festa e da possessão, mesmo sendo entendida por eles como loucura.

Ao que parece, a reminiscência da festa de Cosme e Damião transpassou o limite das fronteiras com as comunidades vizinhas, numa espécie de disseminação do povo desta região. Em uma destas comunidades fronteiriças, encontra-se Dona Maria, de 62 anos, uma negra moradora da Lagoa da Pedra desde criança, porém filha do Boqueirão. Em sua casa, Dona Maria mantém, diariamente, um altar para os santos gêmeos, ornado com flores e velas. No dia 27 de setembro, a devota manda rezar em decorrência de uma promessa feita aos santos:

Eu rezo porque sou muito devota, fiz uma promessa pra eles curar minha filha que um dia caiu e machucou o joelho, ela sofreu muito, daí fiz a promessa, eles são os santos da saúde.

Aqui tinha uma mulher que fazia caruru, mas desgostou, eu não, enquanto vida eu tiver vou rezar, já sofri dois baques na vida, mas eu num desgosto. Tudo o que eu peço a eles, me dão. (Maria, 2006).

O ritual em sua casa é predominantemente católico, sendo tênue a relação com os rituais africanos, mas nota-se um e outro vestígio dos festejos aos Ibejis no candomblé. O altar como referido, é adornado com velas e flores coloridas, a imagem dos santos estão dispostas lado a lado com São Roque e Nossa Senhora Aparecida, Dona Maria prepara-se para a celebração quase que igual a uma mãe de santo, se lava, se penteia e perfuma bastante para a ocasião.

Terminada a cerimônia que é realizada à tarde, serve-se uma refeição. Não se trata do tradicional caruru conhecido no litoral e no recôncavo baiano, mas da distribuição de doces, biscoitos, bolos e suco cabendo primeiramente a alimentação das crianças, e, por último, aos adultos.

Da mesma forma que a Lagoa da Pedra relaciona-se com o Boqueirão, a comunidade do Mandacaru, situada nas vizinhanças do Boqueirão, também passa por essa interação. Esse último pertence ao município de Anagé, onde reside Dona Dosila, uma mãe de santo conhecida em toda a região. Ao que parece, o Mandacaru

possui laços de parentesco fortes com o Cinzento – comunidade quilombola localizada no município de Planalto. Não obstante, há um expressivo contato da comunidade com o Boqueirão.

De acordo com Nalva, uma moradora do Boqueirão, antigamente os habitantes desta comunidade freqüentavam o centro de dona Dosila e lhe encomendavam trabalhos. Segundo ela: "esse povo do Boqueirão tudo ia em cordão (filas) pra lá, hoje é que não vão tantos, porque uns não estava respeitando"²⁴¹ (Nalva, 2006).

Na festa de Cosme e Damião, dona Dosila prepara-se para receber os orixás. Segundo uma das mulheres que lidam com os caboclos, eles cultuam três guias: Cosme, Damião e Doú. Para Adélia, de 64 anos: eles são malinos, eu não quero nem saber, tem uns que parecem que são mais malinos, eles são Cosme, Damião e Doú (2006).

Edison Carneiro (1937, p.52) afirma que, todas as pessoas que têm santos, têm também erês que podem ser de Cosme, Damião, Doú ou de Alabá. Ainda de acordo com este autor, Doú na Bahia é a criança que nasce em terceiro lugar quando há trigêmeos ou então outro filho avulso, que nasce após parto de gêmeos. Carneiro argumenta que os mabaças, individualmente se intitulam Doú.

Bastide diz que, na Bahia, Doú seria uma espécie de guardião dos gêmeos, num aspecto de verdadeiro erê dos Ibejis. Salienta ele que os artesãos, ao confeccionarem as imagens dos gêmeos, colocam entre Cosme e Damião uma terceira figura menor deles, que representa Doú (1978, p.213).

Na África, Doú está relacionado a um macaquinho consagrado aos Ibejis, chama-se Edoú Dudu e na Bahia este Edoú se torna o protetor dos gêmeos, Bastide (1978).

²⁴¹ Os Jovens julgam ser mentira as manifestações da mãe de santo.

No centro de dona Dosila, os três guias são cultuados em unidade, uma vez que todos se referem a eles como os Cosmes, a mesma forma usada por dona Anísia no Boqueirão como já aludido, para se referir a Cosme e Damião.

No que se refere ao ritual, primeiro a mãe de santo permanece um tempo diante do *peji* (altar), recebendo as mulheres que cantam para os orixás, há uma intensa alegria no centro, as senhoras dão muitas risadas e brincam: "Cê tem eles né! Ah eu acho que tem porque do jeito que eu to vendo ela... Ce trouxe um docinho pra eles, eles são três..." (Adélia de 64 e Sueli de 35, referindo-se à pesquisadora). Depois, a mãe de santo se retira ficando a sós preparando-se para receber os Orixás. No centro do terreiro, todos ficam esperando para que a mãe de santo permita a chegada dos Orixás. Um pouco depois, a casa toda é tomada pelo perfume usado para ungir o corpo dela.

Isso posto, ao retornar ao centro onde se encontra o *peji*, que é coberto por santos, uma miscelânea de imagens católicas com efígies de orixás, dispostas lado a lado, dona

Dosila prostra-se diante do altar ajoelhada sobre um pano de renda branca e com a cabeça coberta com um tecido de mesmo aspecto. Depois de pronunciar umas rezas secretas, ela então passa a tocar o sino que se achava sobre altar, daí em diante há uma mistura de orações católicas com orações dirigidas a Ogum, a Nossa Senhora da Conceição (Janaína) e aos Cosmes.

Todos da família participam do ritual. O esposo de Dona Dosila, seu Joaquim, filho da comunidade de Boqueirão, auxilia a todo o momento a mãe de santo quando os caboclos baixam.

Neste dia dos santos gêmeos, é dia de mesa branca: "hoje é mesa branca. Ela pega a água bota na bacia, daí pega a vela despeja a borra da vela e lava os pés da pessoa que pede o trabalho". (Vera, 13 anos, 2006).

A mãe de santo encontra-se vestida com uma saia arrastando ao chão, usando uma espécie de gorro vermelho adornado com fitas preta e verde sobre a

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

cabeça. A filha de santo - dona Maria é a única no centro que faz uso do mesmo gorro. D. Dosila anuncia, então, que o terreiro já está aberto e que as mulheres entoem a primeira chula ao som de um tambor para que os santos possam chegar.

Logo após todos os que se encontravam ao redor do altar abraçam a mãe de santo, dando boas vindas ao primeiro Caboclo que baixa. O samba se inicia aos toques de dois tambores e de um pandeiro, todos da família participam do ritual. Os tambores são tocados pelo esposo de dona Dosila, o Sr. Joaquim – filho do Boqueirão - pelo genro e neto e a todo o momento o Caboclo incorporado pede para que alguém deixe Cosme e Damião chegarem à aldeia. As mulheres ao redor da roda de samba entoam as chulas, mas é o Caboclo que sempre pede que a aruanda²⁴² seja realizada.

A primeira chula entoada no terreiro é a de Cosme e Damião:

Cosme e Damião mais cadê Doú tá jogando bola, tá jogando bola. Oi Cosme e Damião mais cadê Doú, oi tá jogando bola, oi tá jogando bola.

Ao ser puxado este canto, uma das netas de dona Dosila que se achava fora do terreiro, entra em transe e é conduzida ao salão pela filha de santo, que a deixa com os pés no chão. Ali a iaô entra na roda de samba, permanecendo a todo o tempo com os olhos cerrados, as mãos fechadas e gira por todo o salão sem conter os seus movimentos. No momento em que os tambores param, ela se acalma colocando as mãos sobre os olhos e é agarrada pelo caboclo que canta:

Ô mãe Maria eu vim aqui te ver, ô mãe Maria eu vim trazer Obaluaê.

O caboclo pede então mais uma chula para os Cosmes o próprio santo inicia-a:

Ô Cosme Damião chegou, Cosme bate a caixa, Damião bate tambô, Cosme dá remédio, Damião é curador.

A todo o momento o caboclo pede para que Cosme chegue à aldeia, porém ao que parece, uma das gêmeas por nome de Cosmerina filha de dona Dosila não se encontrava no centro, sendo esta uma das filhas do terreiro que possui os Ibejis.

Canta-se então outros versos para os caboclos:

Eru, eru eru é Caboclo babro,
Eru, eru eru é Caboclo brabo,
Eru, eru eru Chegou agora.

Segundo Cacciatore (1997, p. 114) o Eru é: “espírito de Caboclo mau, 'bravo', que desce nos torés nordestinos, para perturbar a 'função' (festa). Desonesto, misturador das coisas, desordenador”.

Ao término destes cantos, a iaô que até então continuava possuída por um santo que nada pronunciava retira-se até o altar onde prostra-se retornando ao mundo profano.

Após a meia noite, a filha de santo comunica ao Caboclo que a moça cujo trabalho lhe fora encomendado encontra-se pronta aguardando o Orixá para o início dos afazeres. A partir desse momento, o terreiro passa a ter um novo sentido. Até a passagem do dia 27 de Setembro para o 28, festejava-se a mesa branca como já mencionado, mas com o princípio do novo dia a aldeia é tomada pela preparação inicial para a cura da jovem por meio do Caboclo Exu.

²⁴² De acordo com Cacciatore Aruanda quer dizer: céu, lugar onde moram os orixás e as entidades superiores.

Cantam então para o novo Santo que chega a aldeia:

Já era meia noite quando o malvado chegou vestido de calça preta dizendo que era um doutor, ele é Exu, dizendo que é doutor.

A jovem que se encontra vestida de blusa preta e com as mãos atadas por uma fita de mesma cor, é posta diante do Caboclo e este solicita às mulheres mais alegres, cantos para fazê-lo dançar perante a moça e tocá-la. Ela por sua vez, permanece voltada para a porta de acesso à rua de acordo com a vontade do Santo que é quem dita como devem ser praticadas as ações para a realização do trabalho.

Posto isso, o Caboclo pergunta a menina se ela crer na divindade que realizará seu pedido, assim que fluem os sinais para o Santo, ele conduz a moça para fora do terreiro. Dançam ao redor da casa até o momento em que a jovem prostra-se para o ritual de sacrifício ao Caboclo. Oferecem à moça duas velas brancas as quais ela segura até o momento final da cerimônia. O Orixá passa a se comunicar numa linguagem que somente a filha de santo e o esposo de D. Dosila compreendem, neste momento o Caboclo pede que lhes tragam o frango – bípede inteiramente de cor preta como é de afabilidade de Exu. A ave necessita possuir um tamanho considerável para o holocausto e ser do mesmo sexo que a divindade como observou Bastide (1978). Então o Caboclo sacrifica o frango degolando-o com a boca e provando de seu sangue ainda quente. Em seguida o cadáver da ave é empregado para tocar o corpo da moça.

Por fim o Santo pede sal para ser posto na boca da jovem que neste momento tem suas mãos desatadas. Ao retornarem para o terreiro, a fita que enlaçava as mãos da moça é pendurada no espaço da roça onde se encontra o altar, este gesto denota a realização do trabalho.

Bastide (1978) argumenta que a parte do ritual dedicada ao sacrifício não é propriamente secreta; porém não se realiza senão diante de um número restrito de pessoas. Assim acontece no terreiro de D. Dosila, poucos são os que acompanham toda a cerimônia, geralmente aqueles que contribuem de alguma forma com o trabalho, ou mesmo os que mantêm respeito ao ritual, uma vez que este envolve sangue e pode provocar aos expectadores supersticiosos, preconceitos acerca da religião de matriz africana.

Ao término do ritual para a realização da obrigação encomendada ao Caboclo, regrada a base de muitos cantos acompanhados a todo o momento pelo som dos tambores, a mãe de santo retira-se para prostrar-se diante do peji. Posto isto, tudo indica que a mãe de santo é novamente possuída pelos erês, onde o transe é mais suave, até o tempo em que se dá início ao mesmo processo que fora feito antes para a chegada do Caboclo.

De volta a seu corpo, dona Dosila permanece em profunda meditação e vai se despedindo de todos os que participaram do ritual. Nesta cerimônia não há oferendas aos santos, segundo Adélia uma das freqüentadoras do centro, isso se deve ao fato de dona Dosila não possuir condições econômica de oferecer comida aos santos e aos participantes dos festejos no terreiro.

Dosila relata que festejar Cosme e Damião é mais que uma devoção, é uma obrigação:

Eu rezo para os cosmes, porque é minha obrigação, rezo desde que eu era pequena, ai, ai se não cumpri com minha obrigação, dois santos são malinos os cosmes e Santa Luzia, quando eles pegam... também, eu tenho gêmeos, meus filhos têm eles (2006).

No seu candomblé não há iniciantes, ela própria afirma que nunca encontrou uma filha de santo que seja capaz de agradar os Caboclos, neste sentido afirma seu genro:



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Ela não ensina chamar os guia não, ai quem tiver a memória é que depois vai descobrir. (Louro, Mandacaru, 2006).

No relato de Louro, essa memória a qual ele se refere será a principal causa para que os futuros filhos de santo sejam iniciados no terreiro, ou seja, pessoas que são escolhidas pelos Orixás. Como já mencionado, o candomblé permaneceu resistente entre as gerações descendentes de escravos e hoje com vários adeptos, é graças à memória e à lei do segredo que ainda existe, como relata Bastide. (1978 p. 11).

Os quilombolas do Boqueirão, a todo o momento, fazem referências de pessoas que servem aos Ibejis, citam Dona Alvina moradora do povoado de José Gonçalves, que mantém laços de parentesco com o povo desta comunidade e que é devota a São Cosme e Damião, realizando, todos os anos, o caruru propriamente dito em homenagem aos gêmeos. Fazem referência ainda a outros nomes de pessoas ligadas ao Candomblé, que circundam a comunidade e que, direta ou indiretamente, pertencem ao conjunto do grupo.

Pelo fato de cultivar consigo a reminiscência destes festejos adjacentes à coexistência de manifestações religiosas decorrentes da miscigenação da comunidade Boqueirão e das vizinhas a esta, citadas neste trabalho, o povo perpassa pela história preservando sua cultura mantendo acesa a memória de seus antepassados e conservando um importante legado às gerações futuras.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

305 REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: Rito Nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Discionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- CARNEIRO, Edison. **Negros Bantos**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 1937.
- _____. **Candomblés da Bahia**. Salvador: Editora Museu do Estado da Bahia, 1948.
- LODY, Raul. **Candomblé**: Religião e Resistência Cultural. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- HERNANDES LEITE, Leila. **África na Sala de Aula**: Visita a História Contemporânea. Editora Selo Negro, 2005.

FONTES ELETRÔNICAS:

- Setembro é o Mês de Cosme e Damião**. Disponível em <http://www.ilheusamado.com>, Acesso em 25/08/2006.
- Oração a São Cosme e Damião**. Disponível em <http://www.pascomsantaluzia.com.br>. Acesso em 20/09/2006.
- Ibejis**. Disponível em <http://www.umbandanacional.com.br/orixas>. Acesso em 20/09/2006
- SOARES, LIGORIO Afonso Maria. **Sincretismo Afro-católico no Brasil**: lições de um povo em exílio. Revista dos Estudos da Religião. Disponível em <http://www.pucsp.br>. Acesso em 09/10/2006

DEOPOENTES:

- Anisia Maria de Sousa, 84 anos. Comunidade Boqueirão
- Maria Lucia de Jesus, 50 anos. Comunidade Boqueirão
- Nalva, Comunidade Boqueirão.
- Vera 13 anos, Comunidade Boqueirão.
- Sueli 35 anos, Comunidade Boqueirão.
- Júlia 62 anos, Comunidade Boqueirão.
- Maria de 62 anos, Comunidade Lagoa da Pedra.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Adélia 64 anos, Comunidade Mandacaru.

Dosila, Comunidade Mandacaru.

Louro, Comunidade Mandacaru.